

TATI QUEBRA A BARRACA

Tati é uma jovem arquiteta, de outra geração que não a minha. Mas certamente, das minhas amigas arquitetas, é aquela que mais se identifica com a geração de Woodstock. Ela gosta de acampar em barracas no mato, nadar em cachoeira (adianto que pelada não sei, nunca vi), cozinhar pão integral no fogão a lenha de sua casa com trigo que foi adubado com material produzido em compostagem própria, empreender plantações de mandioca, participar de piqueniques culturais e festas em geral. Sem contar, o que ela costuma esconder, que foi *backing vocal* de roqueiros nos tempos da faculdade de arquitetura em Bauru.

Mas não é só isso. É mulher ativista, empreendedora, politizada. Suas lutas são grandes, pela preservação do patrimônio histórico, pelo desenvolvimento econômico e social com respeito ao meio ambiente na região onde vive, de um pequeno burgo no sopé das serras da Babilônia e da Canastra. Para acompanhar seus projetos e obras rurais, usava o famoso “Ford Ka” cor de burro fugido, que não tem a fama do “Manoel Audaz” da turma do Clube da Esquina, titular de variadas peripécias pelas estradinhas sinuosas das serras mineiras, mas seus defeitos que deixaram Tati à míngua às margens das rodovias pedindo carona são suficientes para erguê-lo ao pedestal, no mesmo nível do jipe de Toninho Horta.

Conheci Tati quase por acaso. Fui fazer um trabalho de extensão universitária de urbanismo em sua cidade através da UEMG de Passos. Ela apareceu na primeira reunião como representante da sociedade civil, meio desconfiada, arredia, questionadora. Afinal, quem são esses caras metidos a besta que vem nos dizer o que fazer? Após a primeira reunião, meu aluno Sirleno, que era uma espécie de ajudante de ordens do projeto, procurou-me preocupado: “aquela baixinha vai dar trabalho”. Enganou-se. Ela assumiu o trabalho como voluntária e foi fundamental para que o concluíssemos (embora seus frutos nunca tenham sido colhidos, a tumultuada política da pequena cidade impediu).

Anos depois, assumi outros trabalhos técnicos de planejamento na região e em diversos locais do país. Claro que a convidei para participar, seu entusiasmo, conhecimento técnico e disposição a fazem parceira ideal. Fizemos muitos trabalhos juntos, cujo convívio estreitou nossa amizade, mas que renderam assunto para várias crônicas. Como no dia em que ela foi parar no terminal de embarque errado em Guarulhos, perdeu o voo e só chegou no dia seguinte para se juntar a nós no sul do Pará. Após as gozações de praxe que teve que enfrentar, na volta, descemos juntos do avião em São Paulo no início da madrugada, após uma escala em Belém com direito a sorvete de cupuaçu. Quando estávamos pegando o taxi, cansados e esgotados, Tati se deu conta que esquecera o notebook no avião. Voltou correndo ao desembarque e por sorte, após mil e uma confusões, conseguiu recuperá-lo. Chegamos à rodoviária do Tietê em tempo de pegar o último ônibus para Ribeirão Preto a uma da matina, onde cada um pegaria o ônibus para terminar de chegar a sua cidade.

Cinco da manhã na rodoviária de Ribeirão. Tresnoitados, pegamos as malas para ir comprar as passagens, cada um para sua cidade. Tati foi à frente, pois seu ônibus sairia primeiro. Ao cruzar a roleta, cena de gran-finale de filme: a mala dela se abriu e rolaram para fora as roupas sujas e limpas, cosméticos, uma caixa de doce de buriti e sei lá que mais. Tati quebrou a barraca.

Brincadeiras à parte, o que essa arquiteta faz sozinha em sua terra, em seiscentos arquitetos aqui na Franca do Imperador não fazemos.

Mauro Ferreira é arquiteto